

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1965

AINDA A PRETENSA RELAÇÃO

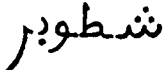
* *Caetobriga* > *Stwyr* / *StübrV*)

Não é este breve artigo mais do que o desenvolvimento dos passos do meu estudo *O Problema da Localização de Cetóbriga...*, publicado no vol. I desta revista, a pp. 41 e segs., nos quais trato muito rapidamente da pretensa relação etimológica * *Caetobriga* > *Stwyr* ; *Stübr* (2), bastante importante para o problema indicado (3).

Stübr ou *Stwyr* é o nome por que Edrici, na sua obra vulgarmente chamada *Geografia* ou *Kitâb al-Rugar*, IV Clima, 1.^a Secção, parece ter designado o grande rio que banhava o importante Qasr 'ibn Dâns ou simplesmente al-Qasr (= Alcácer do Sal), ou seja o Sado dos nossos dias.

Stwyr é a forma que surge na edição parcial do texto do grande geógrafo muçulmano, feita por J. A. Conde (4), e na versão integral de

(1) Para evitar as já tradicionais complicações tipográficas que o emprego de caracteres árabes envolve, usarei o sistema de transliteração dos mesmos adoptado por David Lopes nos *Rudimentos de Gramática Árabe...*, Lisboa, 1935, pp. 4 e 5.

(2) A forma  pode transliterar-se para *Stübr* ou *Stwbr*.

Contudo, usarei, neste artigo, unicamente a primeira transliteração, porque me parece ser a mais provável.

(3) Aproveito a oportunidade para corrigir umas gralhas em vocábulos árabes, que aparecem no referido artigo a pp. 50: *no texto* — onde se lê «bahr», leia-se «bahr» e, onde se escreveu apenas «Stübr», devia ter-se escrito «Stübr ou Stwyr»; *na nota 27* — onde se lê «Štwr», leia-se sempre «Stwyr». Na referida página, os vocábulos estão escritos em caracteres árabes; aqui, por causa das aludidas dificuldades tipográficas, fazem-se as correcções usando formas transliteradas. Também na p. 61, onde se lê «^tAnbari», deve ler-se «^tAnbarii».

(4) Cf. [Título em árabe]. *Descripción de España de Xerif Aledris*, [...] *con traducción y notas de Don Josef Antonio Conde*, [...]. Madrid, MDCCXCIX, pp. 47 e 207.

P. A. Jaubert (5). Cumpre, todavia, salientar que este arabista declara em nota (6) que, no ms. de Edrici, a que chama *A*, da Bibliothèquẽ do Roi, aparece a forma «*Twyr*», o que não deve ser exacto, porque Dozy, que mais tarde consultou esse ms., declara que, antes do *tá* línguopalatal, existe uma letra ilegível (7).

A leitura de Conde-Jaubert foi aceite implicitamente por dois autores portugueses, Pedro A. de Azevedo (8) e David Lopes (9), e explicitamente por um estudioso estrangeiro que muito se dedicou à história do território português antes da fundação da nacionalidade: Hiibner (10).

Stwyr foi transliterado para *Xetawir* por Conde (11), para *Chetamr* por Jaubert (12), para *Chatuir* na *ob. cit.* de Hiibner (13), para *Xetavir*

(5) Cf. [Título em árabe]. *Géographie d'Edrici traduite de Varabe en français d'après deux manuscrits de la Bibliothèquẽ du Roi et accompagnée de notes par P. Amédée Jaubert*, I. Paris, MDCCCXXXVI, e II. Paris, MDCCCXL, in *Recueil de voyages et de mémoires publié par la Sociéte de Géographie* (de Paris), vol. V. *Sfwyr* encontra-se a pp. 23 do vol. II.

Para o presente estudo, nada adianta, por ser demasiado livre, a tradução parcial de Edrici feita por Antonio Blázquez. Assim, *Sfwyr* aparece substituído simplesmente por «Setúbal»: «Alcázar es una bonita villa del Setúbal, gran río...» (cf. *Descripción de España por Abu-Abd-Alla-Mohamed-al-Edrisi*, in *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, t. XLIII. Madrid, 1901, p. 18).

(6) Cf. *ob. cit.*, II, p. 23, nota 1. A propósito desta forma, direi que Jaubert a representa em caracteres latinos por «*Tavir*», não obstante o sistema de transliteração que declara adoptar a pp. XXIV-XXV do vol. I da mesma obra.

(7) «...[Ms.] A., in quo tamen prima litera indistincte scripta est.» (cf. *ob. cit.*, p. 181, nota c).

(8) Cf. *O Arch. Português*, XII, p. 16.

(9) Cf. comentários à 8.^a ed. da *História de Portugal*, de Herculano, VIII, p. 310.

(10) Cf. *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa, 1871, p. 24, nota 4.

(11) Cf. *ob. cit.*, pp. 46 e 207. Conde aproxima, a pp. 207, *Sfwyr* da forma *Sfwāl* que pode ser a transliteração para árabe de *Set uval*, forma medieval que se mantinha, contudo, ainda nos tempos de Conde. Este não diz donde tirou *Stwal*.

(12) Cf. *ob. cit.*, II, pp. 23 e 460. Como se vê, a forma de Jaubert é a de Conde, apenas com* uma transliteração do *xine* adaptada ao francês.

Herculano, in *ob. cit.*, 8.^a ed., III, p. 55, decalcou a forma jaubertiana, sem tentar ajustá-la ao português.


(13) Cf. *loc. cit.* Esta forma não deve ser do próprio Hiibner (um alemão transliteraria o *xine* para *sch*), mas talvez do tradutor das *Noticias*. Seja como for, não compreendo o que levou o autor de *Chatuir* a vocalizar de modo diferente o *xine*.

(paroxítono) por Pedro de Azevedo (14) e para *Xetáuir* por David Lopes (15).

As múltiplas deficiências da edição de Jaubert (16) levaram em 1866 R. Dozy e M. J. De Goeje a publicar, em Leida, a sua *Description de VAfrique et de VEspagne par Edrisi...*, baseando-se, para o efeito, em quatro mss. da obra de Edrici, que designaram por *A*, *B*, *C* e *D*, sendo os dois primeiros o *A* e o *B* de Jaubert, e o *C* e o *D* ambos da Biblioteca de Oxónia (17). Dozy, que se encarregou da parte referente à Península, considera, como Jaubert, o ms. *B* o mais cuidado, mas modifica várias vezes a lição deste autor.

Entre as modificações que apresenta, uma interessa-nos particularmente: *Stubr* em vez de *Stwyr*.

E aqui surge um problema importante: Jaubert enganou-se, de facto, e leu incorrectamente um *iá* onde estava um *bá*, ou foi Dozy quem, levado pela forma *Setúbal* (já então generalizada em português) (18), fez a correcção ou, digamos, o restauro do próprio ms. *B* que contém o vocábulo (19)? Dozy não esclarece este ponto, limitando-se a indicar que os mss. *A* e *C* apresentam ambos a forma

 (20), que nada adianta para o caso, uma vez que os

copistas não se deram ao trabalho de inscrever os pontos que identifi-

(14) Cf. *ob. cit.*, loc. cit.

(15) Cf. *ob. cit.*, loc. cit.

(16) Cf. *ob. adiante cit.*, onde se lê, por exemplo: «En général le travail de Jaubert, nous sommes bien forcés de le dire, est souvent fait avec une nonchalance vraiment incroyable.» (p. XIII). A edição de Jaubert tem, de facto, numerosíssimas deficiências. Já atrás aponte a incompreensível transliteração de «Twyrr» para «Tavir». Além disso, parece ter trocado o *lame* por um *álife* no vocábulo *Lisbuna(t)*, criando assim a forma *Achbuna* (cf. p. 26 do vol. II) que nunca deve ter existido.

(17) Cf. *ob. cit.*, pp. XXI-XXIII, etc.

(18) Saliento, a propósito, a seguinte frase de Dozy: «...le nom de Chetoubar [que é a sua transliteração vocalizada de Stübr] s'est conservé dans celui de la ville de Setúbal, ...» (cf. *ob. cit.*, p. 219, nota 1).

(19) Cf. *ob. cit.*, p. 181, nota c.

(20) Cf. p. 181, nota c: «...[mj.] C.

et sic etiam [ms] A,....».

Dozy não faz a este respeito qualquer referência ao ms. *D*.

cariam o primeiro e o penúltimo caracteres que, sem eles, podem ser, respectivamente, um *cine* ou um *xine*, e um *bá*, um *íá* ou outra letra de forma semelhante.

Seja como for, o facto é que a lição de Dozy, *Stñbr*, foi aceite por Eduardo Saavedra (21) e inicialmente por David Lopes (22).

Stubr foi transliterada para *Chetoubar* pelo próprio Dozy (23), transliteração muito aceitável, uma vez que foi feita num livro escrito em francês, mas que nem por isso demonstra menos que o seu autor não duvidava de que *Stubr* estava na origem de *Setúbal*. Com efeito, a vocalização que deu ao *xine* é arbitrária e só pode explicar-se por Dozy ver na primeira sílaba do vocábulo edricita o *se-* inicial desse topónimo português.

David Lopes aceitou a leitura deste autor, mas criou uma transliteração diferente, em conformidade com o português: «XaTuBR» (24), representando por maiúsculas as consoantes do vocábulo árabe e por minúsculas as vogais que ele próprio juntou. O *uau* não foi transliterado, porque David Lopes também o considerou letra de prolongação da *dama* do *tá* (por isso, ele grafou o *u* com o sinal de vogal longa). Não deixarei de realçar a prudência do arabista português, quando se abstém de vocalizar o *bá* e o *rá*. Esta omissão consciente explica-se, quanto a mim, pelo receio que David Lopes tinha de afirmar a relação **Caetobriga*>*Stiibr* (25), que claramente transparece no estudo a que ora me refiro.

Focarei, em seguida, um ponto que julgo de bastante importância, considerada a categoria científica deste arabista: nos já citados comentários à 8.^a edição da *História de Portugal* de Herculano, que são posteriores a *Os Arabes...*, David Lopes abandona a leitura dozyana e segue a de Jaubert. Não sei por que o fez, mas penso que não tomaria essa decisão se não tivesse razões ponderosas.

(21) Cf. *La Geografía Árabe de Portugal*, in *Rev. Archeologica e Historica*, I. Lisboa, 1887, p. 50.

(22) Cf. *Os Arabes na Obra de Alexandre Herculano*, in *Bol. da Seg. Classe da Acad. Real das Sciencias*, III, fase. n.º 3. Lisboa, Março de 1910, pp. 199, 226 e 227.

(23) Cf. *ob. cit.*, p. 219, nota 1.

(24) Cf. *Os Arabes...*, *loc. cit.*

(25) Cf. *Idem*, pp. 226-277.

*

O que me parece legítimo concluir de tudo quanto até agora expus é que nós não sabemos com precisão qual o nome dado pelo autor do *Kitab al-Rugar* ao rio que banha Alcácer. E este facto tem certa importância, como vamos ver.

Se Edrici escreveu realmente *Stubr*, na relação etimológica **Caetobriga* > *Stubr* haverá que explicar a evolução do ç românico para *xine*, explicação esta bastante difícil, diga-se de passagem (26).

Se aquele autor muçulmano escreveu *Stwyr*, a relação entre o topónimo céltico-latino indicado e este vocábulo torna-se ainda menos fácil, se bem que não impossível, porque teremos então de explicar também a passagem do *b* a *mu*.

**Caetobriga*, a manter-se vivo nos mil anos que decorreram entre o tempo de Ptolemeu, que o regista sob a forma *Katrofigif*, e os meados do século xii, certamente não se conservaria imutável: poderia ter evoluído, por exemplo, para **Cetobra* (como *Conimbriga* para *Coimbra*) que os escritores de língua árabe transliterariam para *Stubr*, *Stubr* ou mesmo *Stubr* ou *Stubr* (27), formas que mais rigorosamente traduzem a sua contextura fonética.

Setúbal, Agosto de 1962.

FERNANDO BANDEIRA FERREIRA

(26) Cf. David Lopes, *Os Árabes...*, p. 227. Convém, contudo, salientar que, ainda que «por lapso de escrita» — como diz David Lopes —, há pelo menos um caso em que o *xine* substitui, em aljâmia portuguesa, o *cin*e. Cf. David Lopes, *Textos em Aljâmia Portuguesa...*, Lisboa, 1940, pp. 12, 18, etc.

(27) Cf. port. *força* > alj. port. *farsa*; *merecer* > *mereser*; *cevada* > *sefûda*; *faço* > *faso*; *céu* > *seww*, etc. V. David Lopes, *Textos...*, pp. 18, 27, 45, 50 e 52.